



UMA DIDÁTICA PARA A PESQUISA ESCOLAR: se não está no Google não existe?

Giovanna de Souza Andrade
Graduanda de Letras – Uni-FACEF
giovannasandrade345@gmail.com

Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – Uni-FACEF
sheilafacef@gmail.com

Resumo

Muito se discute, atualmente, no contexto da educação, que os estudantes devem ser protagonistas da própria aprendizagem. E, nesse sentido, competências para realizar pesquisas são essenciais, porque permitem desenvolver criticidade e autonomia. Mas, para tanto, os professores devem estar preparados para orientar os estudantes na atividade. Caso contrário, a tarefa pode se limitar a um resumo ou a plágios, resultantes de consultas na Internet. Diante do contexto, este artigo apresenta como objetivo geral propor, ao professor de Língua Portuguesa, formas de consultas a fontes científicas, nomeio digital, e potencializar práticas que contemplem a pesquisa na ação educativa. Também, no estudo, é feita uma análise sobre informação, didática, o que são fontes fidedignas de pesquisas e quais mecanismos de busca utilizar, especialmente na Internet. O presente estudo é realizado, a partir de duas etapas: uma pesquisa bibliográfica e uma análise de cópús. A revisão bibliográfica é elaborada com discussões feitas, por meio de artigos, dissertações e livros, que trazem subsídios de Avis (2019), Bagno (1998), Candau (1997), Delors (2000), Demo (2003) Freire (1997), Tomaél (2008), dentre outros, que tratam de toda a temática deste artigo, como questões sobredidática e educação, a relevância da pesquisa e conceitos sobre fontes de informação, fontes na internet e mecanismos de busca – Google, Google Acadêmico, Scielo, QEduc, Periódico Capes e IBGE. Assim, feitas as discussões teóricas, foi realizada uma análise dos mecanismos de busca, a fim de exemplificar o seu modo de uso e a avaliação de suas informações, tendo em vista o conteúdo e a credibilidade da publicação. Com isso, ficam reflexões para que o professor de Língua Portuguesa consiga de fato, orientar seu estudante a realizar pesquisas que contenha fontes fidedignas e assim, auxiliá-lo a construir criticidade e autonomia em seus estudos.

Palavras-chave: Pesquisa científica na educação básica. Didática de Professores de Língua Portuguesa. Fontes científicas fidedignas. Fontes de pesquisa confiáveis. Buscadores e bibliotecas na Internet.

Submissão: 27/10/2021

Aprovação: 09/11/2021

1 Introdução

Muito se discute, atualmente, no contexto da educação, que os estudantes devem ser protagonistas da própria aprendizagem. E, nesse sentido, competências para realizar pesquisas são essenciais, porque permitem desenvolver criticidade e autonomia. Mas, para tanto, os professores devem estar preparados para orientar os estudantes na atividade. Caso contrário, a tarefa pode se limitar a um resumo ou a plágios, resultantes de consultas na Internet.

Assim, os professores, na formação inicial ou continuada, devem (re)pensar a própria didática. No 2º semestre do curso de Letras, do Uni- FACEF Centro Universitário Municipal de Franca, os estudantes devem desenvolver uma “Prática Comum Componente Curricular”, ou PCC, na disciplina de Didática, em que refletem sobre a prática da futura profissão, por meio de estudos que são polêmicos e inovadores, tal quais as reflexões sobre pesquisas. E foi assim que aconteceu em 2019. Os licenciandos elaboraram uma prática, destacando casos de sucesso na vida escolar, obtidos por professores da educação básica, sobre o ensino e a aprendizagem de pesquisas.

Bagno (1998) relata, na contracapa do livro *Pesquisa na escola: o que é como se faz*, já no final do século XX, a indignação sobre o que se fala sobre pesquisa e como é realizada no contexto escolar. Relata a experiência com a filha Júlia, na realização de pesquisas escolares, em que o professor, simplesmente, concede um tema e informa a data da entrega. O prefácio do livro é escrito por Mário Perini que, ao tratar da significância da discussão, releva, na atividade de pesquisa, a constituição de habilidades de raciocínio, observação, testagem de hipóteses, como maneiras de formação crítica e construção de novos conhecimentos, além da construção da independência de pensamento de crianças e jovens.

Por meio do desenvolvimento da PCC e do debate promovido por Bagno (1998), justifica-se o desenvolvimento do presente estudo, que tem como objeto de investigação um dos elementos essenciais de uma pesquisa científica: as fontes de consulta e, neste caso, especificamente, fontes de Internet, dado o contexto promovido pela cultura digital pelo mundo.

Face à problemática, formalizou-se o seguinte problema de pesquisa: diante do conhecimento sobre fontes fidedignas de pesquisa científica, como o professor de Língua Portuguesa pode orientar seus estudantes a consultas coerentes com as atividades propostas pela escola, em meio digital?

Para responder ao problema, partiu-se das hipóteses de que: a) adotando uma didática fundamental, e o pilar aprender a aprender de Jacques Delors, porque destacam a relevância da pesquisa; b) apresentando os preceitos de uma pesquisa científica, aos estudantes da educação básica e indicando-lhe os caminhos da ciência; c) por meio do conhecimento sobre fontes, especialmente fontes de Internet, lugar significativo de consulta de crianças e jovens; e d) conhecendo formas de pesquisa na Internet, em diversas plataformas reconhecidas como fontes de pesquisa.

Nesse sentido, o objetivo geral do estudo é propor, ao professor de Língua Portuguesa, formas de consultas a fontes científicas, no meio digital, e potencializar práticas que contemplem a pesquisa na ação educativa.

Os procedimentos metodológicos do estudo estão articulados em dois

caminhos. Inicialmente, é realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir de teóricos e estudiosos da área da educação e pesquisa, como Candau (1997), Delors (2000), Freire (1987), Demo (1996) e Avis (2015), a discussão traz um estudo sobre didática, pesquisa e construção de conhecimento. Em um segundo momento, reúne-se um corpúsculo para discussão sobre a fidedignidade de fontes, a partir da análise do tema “sustentabilidade”, nas plataformas Google, Google Acadêmico, Scielo, Periódico Capes, QEdU e IBGE, a partir dos critérios de conteúdo e credibilidade, esclarecidos no decorrer do estudo.

O estudo, seguramente, contribui para a formação de licenciandos, mas também para a formação continuada de professores e profissionais da educação. Orienta para as práticas de pesquisa, essenciais para jovens estudantes e a sua inserção na sociedade contemporânea.

2 Reflexão docente e didática multidimensional

No presente item, são feitas discussões acerca da didática e como a disciplina reflete na prática do professor. Para tanto, é apresentada uma pesquisa bibliográfica que subsidia o estudo. No item, são considerados os preceitos de Candau (1997).

2.1 Didática instrumental e didática fundamental

A didática possui um lugar relevante ao tratar do professor, pois geralmente é a teoria que diz sobre a prática. E, segundo Candau (1997), há uma discussão entre didática instrumental e fundamental.

A primeira está calcada em uma forma mais tradicional e engessada de ensino, em que, o docente é detentor de todo conhecimento e o aluno é somente uma máquina de cópia, de modo com que sua realidade e contexto são ignorados, e a partir disto, Candau (1997) sugere uma nova didática, a fundamental e passa a discutir a importância que ela possui no ensino.

A perspectiva desta nova didática, a fundamental, é pautada na multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, articulam-se as três dimensões, a técnica, a humana e a política, a fim de estimular o estudante a se tornar um cidadão crítico e reflexivo sobre o meio em que está inserido. Entretanto, pode-se afirmar que, a didática instrumental tem formado muitos alunos, por meio de dimensão unilateral, que não garante autonomia, a reflexão e o poder de escolha do estudante.

Outro pilar significativo é a relação teoria-prática, que é defendida por Candau (1997), como uma unidade e não de forma isolada, ao ponto de que uma passa a compreender a outra e, assim, surge à ideia de que a didática é muito mais do que um conceito teórico, e sim, uma prática pedagógica de como, para e por que fazer e não somente uma prática por si só, ou seja, a didática é a ponte, para que o professor consiga um maior engajamento de seus estudantes e assim, atinja seu objetivo, que é assegurar que seu estudante esteja aprendendo e compreendendo todo o conteúdo proposto.

A didática fundamental busca, então, a partir de análises de experiências concretas, integrar a criança ou adolescente à escola, ao modo em que a singularidade de cada indivíduo se faça importante para o ensino-aprendizagem,

resultando assim, em um maior interesse pelos estudantes a ir para a escola e adquirir novos conhecimentos.

2.2 As dimensões do ensino e da aprendizagem

Segundo Candau (1997), o objeto de estudo da didática é o processo de ensino-aprendizagem e toda proposta didática está pautada neste processo, seja de forma implícita ou explícita.

O ensino-aprendizagem é um processo em que, de forma direta ou indireta, o relacionamento humano está presente e, para que isso ocorra, há algumas dimensões e abordagens, como a humana, a técnica e a político social.

Para a abordagem humanista, o centro do processo é a relação interpessoal, portanto é carregada de uma perspectiva subjetiva, individualista e afetiva. É aqui que eminentemente a didática deve se pautar em um processo com mais empatia e caloroso.

Em relação à dimensão técnica, o ensino-aprendizagem é voltado como uma ação sistemática que busca aspectos como objetivos instrucionais, seleção de conteúdos, estratégias de ensino, avaliação. Portanto, trata-se de uma pauta objetiva e racional do processo de ensino-aprendizagem. Porém, quando esta dimensão é dissociada, tem-se o tecnicismo que parte de uma visão neutra, sem raízes políticas-sociais e é totalmente instrumental e, muitas vezes, é analisada de forma abstrata e não contextualizada.

Há ainda a dimensão político-social, que segundo Candau (1997), se todo processo de ensino-aprendizagem é “situado”, esta é inerente, pois ela ocorre sempre em uma determinada cultura e com pessoas que possuem uma classe social definida. Seguindo essa perspectiva, a abordagem político-social não é exclusiva de um aspecto do processo de ensino-aprendizagem, pois ela impregna toda a sua prática pedagógica, mesmo que de forma voluntária.

No entanto, quando se trata de ensino-aprendizagem, é difícil afirmar qual abordagem é a melhor, até mesmo por conta da visão reducionista que há entre elas e partir disso, tem-se a concepção da articulação entre elas, ou seja, a multidimensionalidade que organicamente vincula-se às diferentes dimensões e resulta naquilo que Candau (1997) denomina didática fundamental.

Uma das ações que resulta em processos integrais e interdisciplinares na formação de jovens, de forma efetiva, é a pesquisa, que é discutida a seguir.

3 Uma didática calcada na pesquisa

A proposta deste item é analisar, a partir de teóricos como Delors (2000), Freire (1987) e Demo (1996) como a pesquisa é significativa, na produção do conhecimento, quando se trata de ensino e aprendizagem.

3.1 Aprender a aprender

Delors (2001) pontua quatro pilares da educação, sendo eles, *aprender a aprender*, que é discutido logo abaixo, porque aqui é foco de estudo; *aprender a fazer*, que está relacionado à questão da formação profissional: como ensinar o aluno

a pôr em prática os seus conhecimentos e a adaptar a educação ao trabalho; *aprender a conviver*, ou seja, saber conviver em sociedade e ter empatia com o próximo; e por fim, *aprender a ser*, que está ligado ao desenvolvimento do ser como um todo, portanto que consiga pensar de forma crítica e autônoma.

Tratando de forma mais detalhada o pilar – *aprender a aprender* – pode-se afirmar que não visa tanto à aquisição de um repertório de saberes codificados, mas sim ao domínio dos próprios instrumentos do conhecimento que pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e finalidade da vida humana. Meio, pois espera que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, e finalidade, porque seu principal fundamento é o prazer de compreender, conhecer e descobrir.

O *aprender a aprender* leva a exercitar a atenção, a memória e o pensamento, pois com o excesso de informações instantâneas, o jovem necessita de aprender a prestar atenção às coisas e às pessoas, porque com a sucessão imediata de tanta informação, pode prejudicar o processo de descoberta e aprofundamento de apreensão.

Já a memória é considerada um antídoto necessário contra a submersão pelas informações bombardeadas pelos meios de comunicação, porém esse armazenamento deve ser, de forma seleta, uma vez que, é perigoso se tornar uma memória de associação, ou seja, “de cor”. E o exercício de pensamento deve comportar avanços e recuos entre concreto e abstrato e assim como no ensino e na pesquisa, deve-se combinar dois métodos, que por muitas vezes, são considerados antagônicos: o método dedutivo e por outro lado o indutivo.

É importante ressaltar que o processo de ensino-aprendizagem nunca está acabado, e pode desenvolver-se com qual experiência, por isso, o *aprender a aprender* é de valia, uma vez que, está ligado à linha construtivista de que o aprendizado se dá quando o indivíduo interage com o conteúdo, com competências e habilidades em pesquisa.

3.2 Ensinar exige pesquisa

Para tratar da relação pesquisa e contexto escolar, discutem-se, a seguir, os estudos de Freire (2002).

Sabe-se que, para o desenvolvimento do indivíduo, a pesquisa é fundamental, sendo assim, Freire diz: “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (2002, p.14).

Portanto, constata-se o quanto a pesquisa é relevante, principalmente ao docente, visto que, por meio dela, é possível de fato ensinar um estudante. O ensino não é pautado somente em disciplinas, mas sim da prática pedagógica do professor, e isso, muitas vezes, dá-se pela pesquisa, que faz o sujeito buscar novos conhecimentos, indagar e intervir, logo o professor está educando e se educando também.

Entretanto, Freire (2002) discorda que a figura do professor pesquisador não é uma qualidade ou um tributo a mais à sua natureza, mas algo que é inerente a sua prática, sendo necessário que ele apenas se assuma como um pesquisador.

Outro teórico que disserta sobre a significância da pesquisa é Demo

UMA DIDÁTICA PARA A PESQUISA ESCOLAR: se não está no Google não existe?

(1996) e, segundo ele, a pesquisa é relevante para o desenvolvimento do aluno, e deve-se estimular, pois dentro de seu estágio social e intelectual de desenvolvimento, resultará em um aluno ativo, produtivo e reconstrutivo (DEMO, 1996).

Ainda, segundo o autor, a educação, no contexto do educar pela pesquisa, deve ser entendida como “processo de formação da competência humana com qualidade formal e política, encontrando-se, no conhecimento inovador, a alavanca principal da intervenção da ética” (DEMO, 1996, p.1). Ou seja, é a pesquisa que tem o poder de criar um sujeito autônomo, crítico, pois é nela que se encontram competências e habilidades específicas para esta construção:

É pautada no questionamento reconstrutivo – formação do sujeito competente no sentido de ser capaz de, tomando consciência crítica, formular e executar projeto próprio de vida no contexto histórico - que engloba teoria e prática, qualidade formal e política, inovação e ética” (DEMO, 1996, p. 10).

A proposta pedagógica presente neste modelo de ensino é educar pela pesquisa, e isto requer que o professor e o aluno utilizem a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenham como atitude cotidiana.

4 Informação e conhecimento

Neste item, são feitas discussões acerca de informação e conhecimento, conceitos os quais são necessários para atender ao proposto da pesquisa. São usadas discussões de Leffeld (2007), Luckesi (1985) e Avis (2015) que tratam sobre o tema, e nos oferecem subsídios sobre cada concepção.

4.1 Breves discussões

Informação e conhecimento são, simultaneamente, causa e efeito de si mesmos. *Informação* é um conceito que pode ser compreendido de diversas maneiras, dependendo da percepção do interlocutor, portanto pode ser entendida como um conjunto de dados que, quando fornecido de forma adequada, proporciona orientação. Conhecimento é a informação que pode ser aplicada em contextos de orientação, instrução e como fonte para construir conhecimento.¹

Para Luckesi (1985), conhecimento é caracterizado como mecanismo da compreensão e transformação do mundo, como uma necessidade e meio de libertação humana. E, segundo Leffeld (2007), conhecimento se configura como algo pessoal, de abstração interior e de que foi vivenciado por alguém. Desse modo, o conhecimento é autônomo, diferente da informação que depende de uma interpretação pessoal.

Diante do caos da sociedade atual e toda sua complexidade, é inevitável que o indivíduo saiba como produzir conhecimento, uma vez que a informação é algo disponibilizado a todo instante e é justamente a ponte para

¹ As discussões da seção tem subsídio na publicação: ANDRADE, Giovanna de Souza; GARCIA, Carlos Eduardo Campos. Competências múltiplas: escola e trabalho reunidos para inserção do estudante do ensino médio no mercado de trabalho. Revista do Curso de Letras/Uni-FACEF Centro Universitário Municipal de Franca, V. 1, n. 16, p.133-183. (2020). Franca-SP.

geração de conhecimento, evidenciando o quadro de causa e efeito uma daoutra.

4.2 Fontes confiáveis e mecanismos de busca

Quando se trata de pesquisa científica, tal qual a proposta deste estudo, a fonte pode ser considerada como um dos pilares mais relevantes para a construção de um texto com rigor científico exigido para o gênero. Porém, muitos não conseguem atingir isso, pois sentem dificuldades em encontrar uma fonte confiável e até mesmo em como buscar uma fonte, principalmente, nos dias atuais, na internet.

Diante da complexidade da sociedade atual, sabe-se que, a manipulação de informações é algo recorrente, ação que dificulta a verificação e a avaliação da qualidade de uma informação. Para Leite (2004), as publicações eletrônicas que se encontram na internet representa uma grande repercussão no mundo científico, pois permite o acesso, produção e disseminação de larga escala, sendo por um indivíduo ou por organizações, revolucionando toda a estrutura que estava em vigor antes do advento da Internet.

É de conhecimento que após a chegada da tecnologia, tornou-se mais fácil a produção e a divulgação de trabalhos científicos, porém antes da *Web*, o processo de produção do conhecimento incorporava um mecanismo rigoroso de controle de qualidade. A revisão dos estudos era feita por pares, ou seja, avaliado por, pelo menos, mais dois estudiosos, e que antecedia a publicação e a divulgação, e isso era considerado como um indicador e qualificador para disseminação e legitimação do conhecimento, como pontua Leite (2004).

Figura 1 – Processo de Avaliação da Qualidade de Textos antes da Publicação



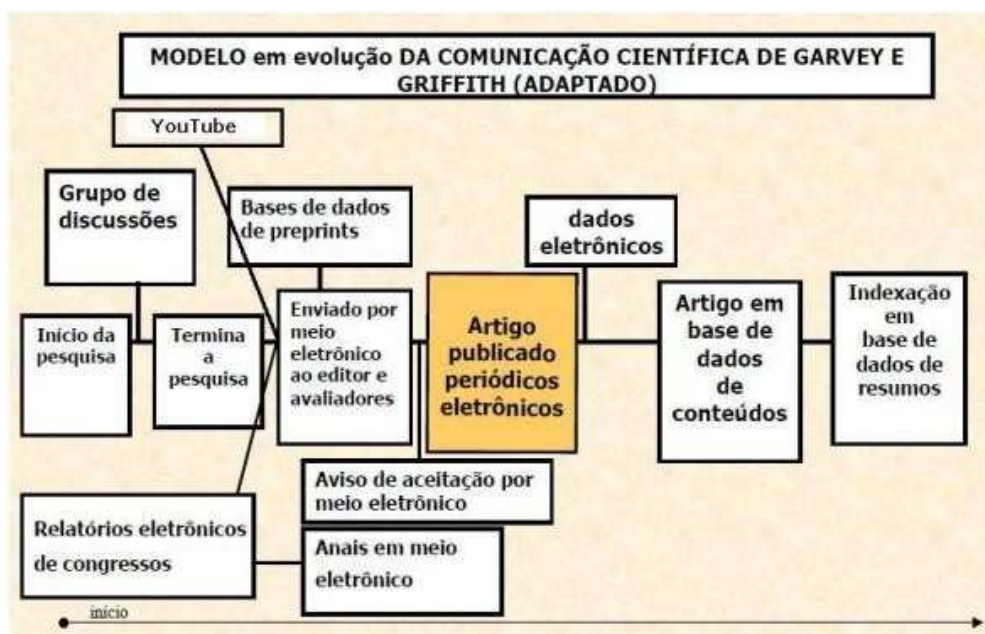
Fonte: Mueller (apud TOMÁEL; MORELLI; KAIMEN, 2016, p. 573).

UMA DIDÁTICA PARA A PESQUISA ESCOLAR: se não está no Google não existe?

Por meio da Figura 1, pode-se observar quais eram as etapas pelas quais uma pesquisa fosse reconhecida pela comunidade científica, passando por relatórios, comunicações, distribuições aos pares e outras ações. Os critérios serviam para validar a pesquisa e indicar a fidedignidade.

E com o avanço da comunicação e da tecnologia, passou-se a considerar o modelo da Figura 1 como ultrapassado, pois alguns pilares mudaram deste processo, assim como mostra na Figura 2:

Figura 2 – Modelo de comunicação científica em Garvey e Griffith



Fonte: Muller (apud ALMEIDA, 2010, p.24).

O meio eletrônico facilita o acesso à pesquisa, diferentemente do outro modelo. E o principal responsável pela mudança, no fluxo de informações, foi o surgimento do periódico eletrônico, que “abriu as portas” para a disseminação e o acesso aos estudos científicos.

A Internet pode ser considerada como um dos principais provedores de informações, e com sua expansão e facilidade, tudo se tornou mais fácil, principalmente o acesso e a aquisição de conhecimento. Entretanto, essa rede impacta diretamente a sociedade e as relações humanas, assim como Lévy (1993 apud SILVEIRA, 2003, p. 86) diz que “as relações entre os homens, o trabalho e a própria inteligência dependem da mudança constante de dispositivos informacionais de todos os tipos”.

E, de acordo com Tomáel, Alcará e Silva (2008, p. 8), a qualidade de uma informação é tão importante quanto à escolha dela, pois “a qualidade de uma informação ou de uma fonte de informação está diretamente relacionada ao seu uso, ou seja, ao usuário que dela necessita” e Tomáel (2001, p. 6) ainda pontua “a importância de se avaliar a informação disponível na Internet é bastante significativa para quem a utiliza para a pesquisa”. Isso se dá pelo fato de se encontrar muitas informações no mundo digital e para que a pesquisa tenha fontes fidedignas, é preciso avaliá-la criteriosamente. Dessa forma, o estudo não apresentará argumentos

duvidosos em seu texto. Os autores x, y e z apresentam critérios de avaliação de fontes na Web, conforme Quadro 1, seguinte:

Quadro 1 – Critérios de avaliação da qualidade de fontes da Web

Categoria	Indicadores de qualidade
1. Credibilidade	a) Fonte, b) Contexto, c) Atualização, d) Pertinência/Utilidade, e) Processo de Revisão Editorial
2. Conteúdo	a) Acurácia, b) Hierarquia de evidência. c) Precisão das fontes, d) Avisos institucionais, e) Completeza
3. Apresentação do <i>site</i>	a) Objetivo, b) Perfil do <i>site</i>
4. <i>Links</i>	a) Seleção, b) Arquitetura, c) Conteúdo, d) <i>Links</i> de retorno
5. <i>Design</i>	a) Acessibilidade, b) Navegabilidade, c) Mecanismo de busca interno
6. Interatividade	a) Mecanismo de retorno da informação, b) Fórum de discussão, c) Explicitação de algoritmos
7. Anúncios	Alertas

Tabela 1: Indicadores de qualidade.
Fonte: Lopes (2004)

Para analisar uma fonte de informação, os dois principais critérios categóricos são: a credibilidade e o conteúdo. O primeiro diz respeito a aspectos como: logomarca, nome da instituição ou responsável, e também nome e titulação do autor. É preciso observar ainda se há a atualização do site e do editorial em questão. Já o segundo critério categórico destina-se a analisar se a linguagem é compatível a qualquer usuário que acessar, entretanto, respeitando a linguagem própria da pesquisa científica.

Ainda sobre a avaliação das fontes, há a perspectiva sobre fonte indexada, fonte sob pares e fonte pertencente à base de dados. Muito desses conceitos se encontram no campo da biblioteconomia.

A fonte indexada é aquela que está incluída a um repositório de informações, ou seja, imaginemos que um artigo é publicado em um periódico indexado a uma base de dados. O periódico X está indexado à Scielo, por exemplo. Nesse sentido, informações como autoria, instituição de pertencimento, principais informações sobre o texto são trazidas em buscas realizadas por qualquer usuário da Internet.

Já a fonte avaliada por pares é um processo em que o artigo é submetido

UMA DIDÁTICA PARA A PESQUISA ESCOLAR: se não está no Google não existe?

a revisores da área acadêmica e especialistas, abordando e revisando esse conteúdo, de acordo com os padrões definidos pela revista e, principalmente, com conhecimento verificado na área de conhecimento.

E a base de dados são conjuntos de arquivos relacionados entresi com registros sobre pessoas, lugares ou coisas, disponibilizados nas diversas plataformas.

Deve-se considerar, ainda, que atualmente existem diversos mecanismos de busca na Internet, com incontáveis resultados, entretanto, não quer dizer que através deles, é possível encontrar toda e qualquer informação devidamente “filtrada”.

Além disso, há inúmeros meios de se obter informações na Web, por exemplo: portais de pesquisas e periódicos científicos, blogs, redes sociais, entre outros.

A seguir, encontra-se uma lista de mecanismos, que são opções para o mundo acadêmico. Trata-se do cópús da pesquisa, com discussões e análises da temática “Sustentabilidade”, nos mecanismos de buscas e periódicos: Google, Google Acadêmico, Scielo, Periódico Capes, QEdU e IBGE. Considerou-se, para avaliação de fontes fidedignas, os critérios de conteúdo e credibilidade, discutidos anteriormente.

A seleção do Google e Google Acadêmico, como plataformas de busca, deu-se, em razão da popularidade e democracia promovida pelas plataformas. São as plataformas mais recorridas, em caso de busca de informações e pesquisas e, por isso, relevantes para análise.

No caso da seleção da Scielo, Periódico Capes, QEdU e IBGE já são fontes consideradas fidedignas, pelo processo de seleção de textos e pesquisa de dados.

Quadro 2 – Endereços de pesquisa

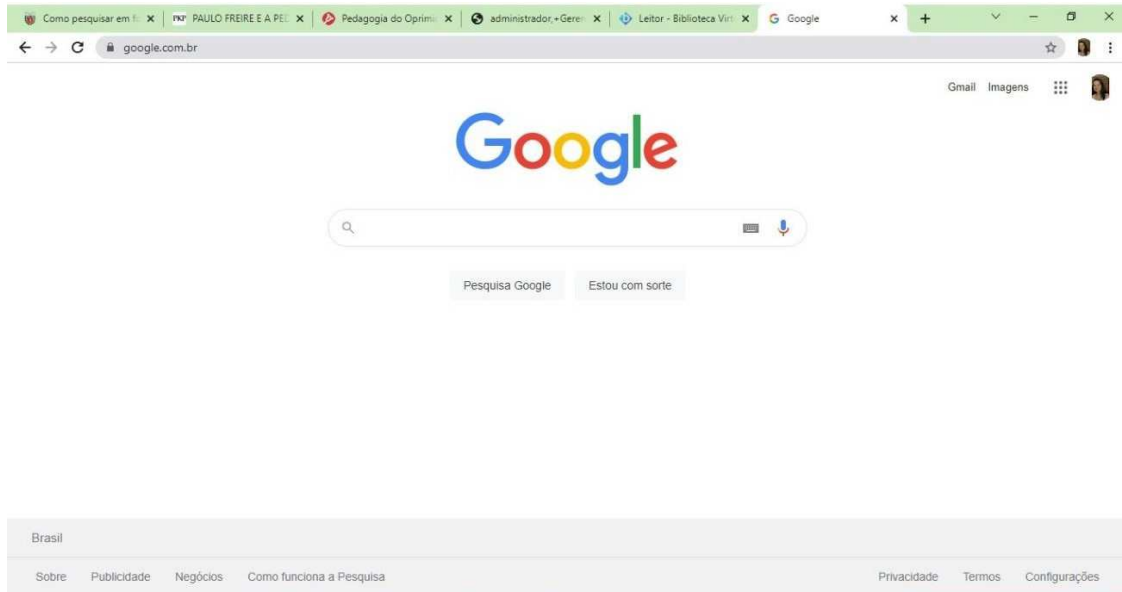
Busca / Biblioteca	Endereço Internet
Google	google.com.br
Google Acadêmico	scholar.google.com.br
Scielo	scielo.org
Periódico Capes	periodicos-capes-gov-br.ez343.periodicos.capes.gov.br
QEdU	novo.qedu.org.br
IBGE	ibge.gov.br

Fonte: elaborado pelas autoras.

4.2.1 Google, Google Acadêmico

Com a discussão feita sobre mecanismos de busca e provedor de informação, atualmente, o Google é a maior plataforma de busca no mundo, onde o individuo encontra toda e qualquer informação de que precisa. Trata-se de um mecanismo de busca, em que o usuário tem um espaço para digitar o que deseja e ao realizar essa pesquisa, é impactado por milhões de resultados.

Figura 3 – Google



Fonte: Google, 2021, online.

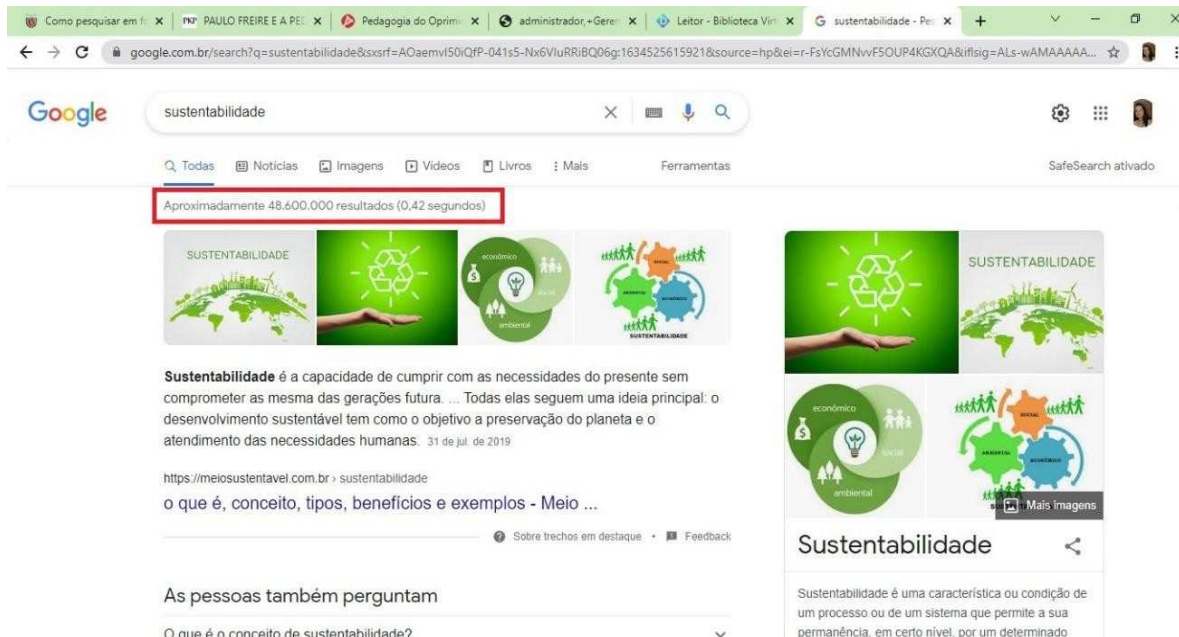
Ao pesquisar o assunto, a plataforma traz inúmeros resultados. O usuário pode selecionar qualquer um deles. Mas, para uso em pesquisa científica deve avaliar o conteúdo e a credibilidade.

Para reduzir o número de retornos do Google, o usuário pode buscar: “Sustentabilidade pesquisa científica”. Mesmo assim, os primeiros retornos serão “Anúncios”, mas, em seguida, aparecerão “Artigos sobre o tema Sustentabilidade e pesquisa científica”.

Assim, um primeiro critério, é ensinar aos estudantes a selecionar as fontes. Caso clique na primeira busca, irá se deparar com conteúdos publicitários.

UMA DIDÁTICA PARA A PESQUISA ESCOLAR: se não está no Google não existe?

Figura 4 – Pesquisa com o tema “Sustentabilidade” no Google



Fonte: Google, 2021, online.

Assim, o Google carrega consigo dezenas de outros mecanismos, para facilitar a vida de uma pessoa e isso vai de uma simples informação até mesmo a criação de um anúncio específico para um determinado site e público-alvo. Oferece a facilidade e a complexidade ao usuário. Por ser umadas maiores empresas de serviços *on-line* e de *software*, carrega a seguinte expressão “se não está no Google, não existe”, uma vez que, em uma simples busca neste *site*, você encontra diversos anúncios e informações de uma vez só, portanto se uma empresa, por exemplo, não está no Google, dificilmenteela terá crescimento exponencial, já que não terá tantos *views* em seu *site*.

Analisado o texto que o Google retornou sobre “Sustentabilidade”, deve-se olhar para:

a) conteúdo: a logomarca, a instituição responsável pela divulgação do texto, o nome e a titulação do autor (se houver. Se não, verificar a responsabilidade pela publicação), a atualização do texto e do site e oeditorial.

b) credibilidade: analisar a linguagem apropriada para a pesquisa e acessível ao usuário.

Ainda, uma das grandes ferramentas do Google é o Google Acadêmico, plataforma que oferece ferramentas específicas para que as pessoas encontrem a literatura acadêmica. Artigos científicos, dissertações ou teses, livros, resumos, bibliotecas de pré-publicações e material produzido por organizações profissionais e acadêmicas estão indexados, ou seja, para otimização da pesquisa.



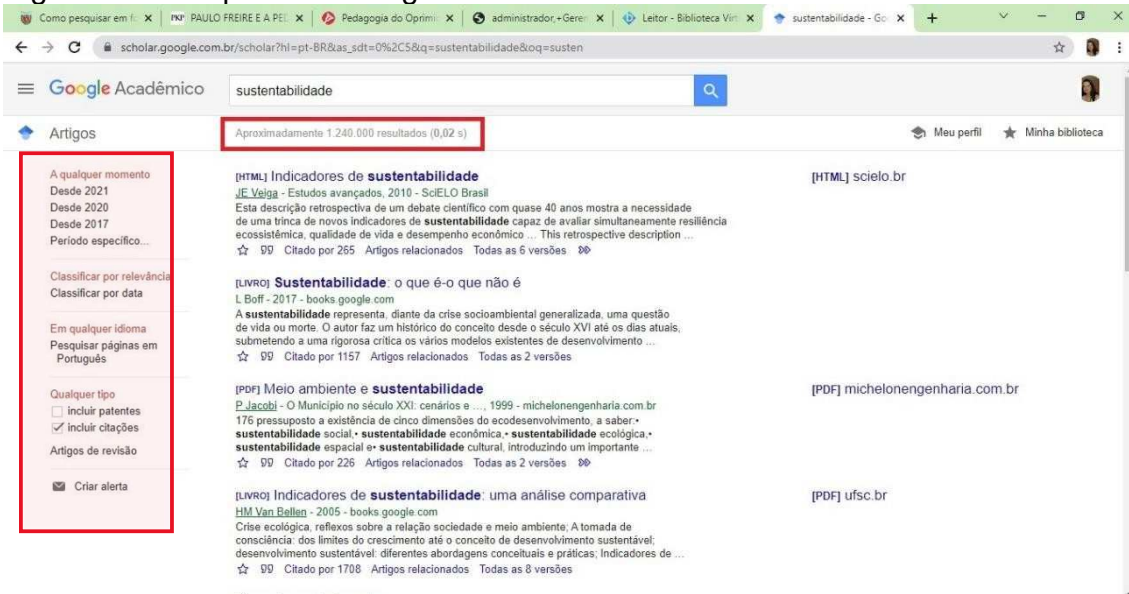
ANDRADE, G. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

Figura 5 – Google Acadêmico



Fonte: Google Acadêmico, 2021, online.

Figura 6 – Pesquisa no Google Acadêmico



Fonte: Google Acadêmico, 2021, online.

Neste mecanismo de busca, além dos critérios de conteúdo e credibilidade, há elementos significativos, para auxiliar a seleção da fonte, no tocante à fidedignidade.

Um dos elementos é o filtro, ou seja, reunião de elementos que já direcionam para uma ou outra fonte. Nesse sentido, o professor deve orientar seus estudantes quanto às possibilidades que a plataforma oferece, como: a) data – pode ser de qualquer ano ou período; b) idioma; c) estudos que apresentam patentes ou citações, elementos que geram mais credibilidade ainda ao texto; d) seleção de artigos de revisão, que podem trazer a atualidade das discussões sobre

o tema.

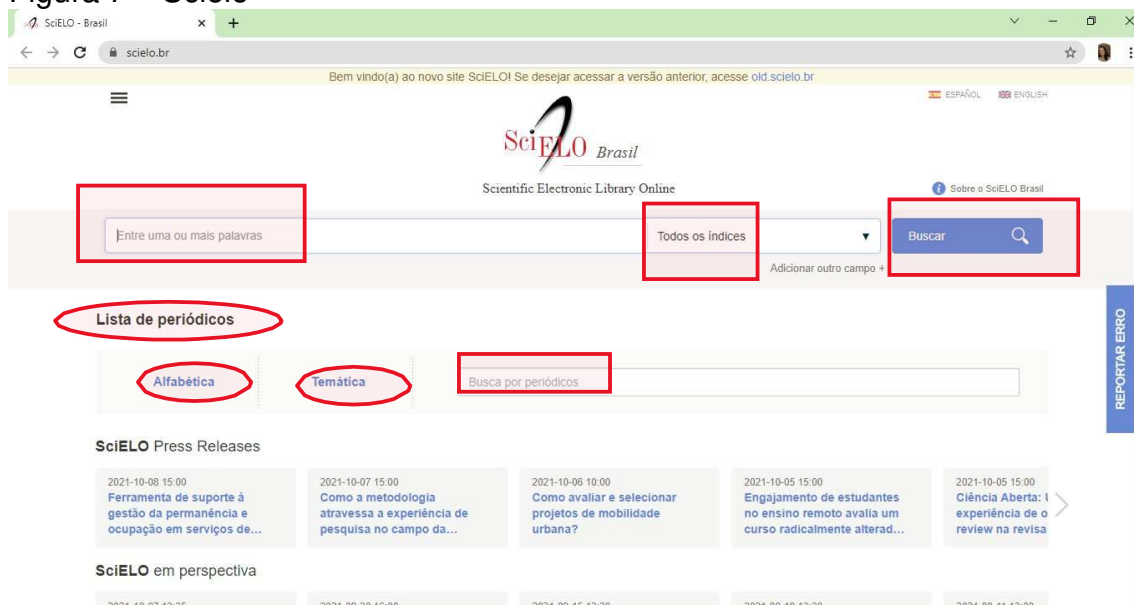
4.2.2 Scielo

Esta plataforma funciona como uma biblioteca, porém de forma eletrônica. Foi desenvolvida pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e Bireme, que disponibiliza uma coleção de periódicos preparados e armazenados em sua própria base, que conta com milhares de publicações.

A Scielo é uma biblioteca online que pode ser usada sem preocupação com a fidedignidade das fontes. Os trabalhos indexados na Scielo já foram avaliados por pares e atendem à rigidez científica.

Também a Scielo oferece filtros, chamados de Índices, para a escolha de ano, autor, financiadores, resumos e títulos, o que facilita a busca da temática pelo usuário.

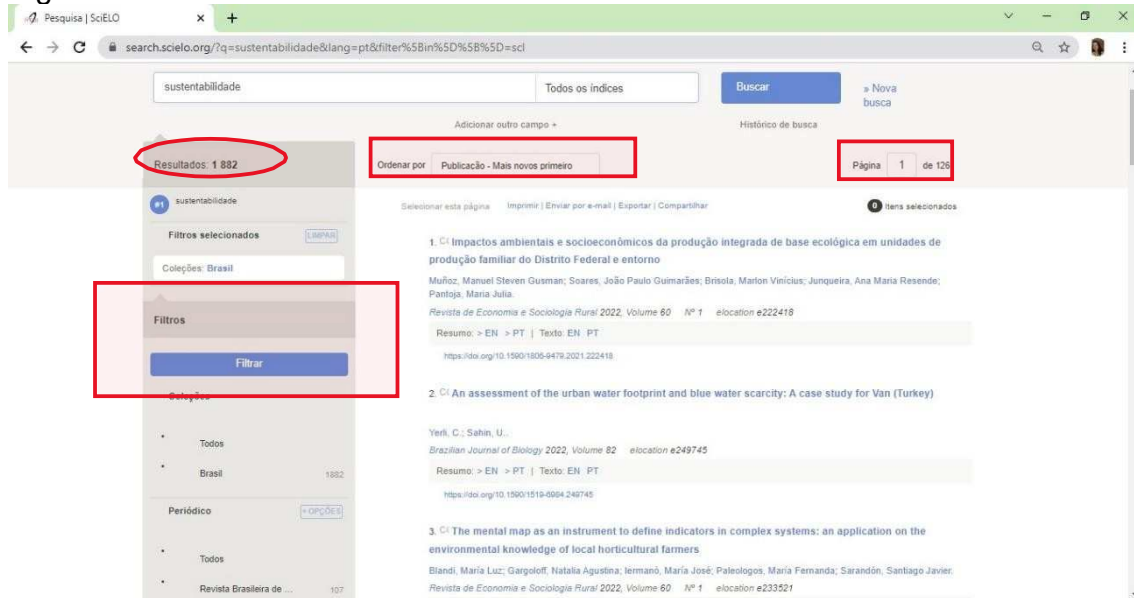
Figura 7 – Scielo



Fonte: Scielo, 2021, online.

Na Scielo, o usuário também pode buscar periódicos e temas específicos.

Figura 8 – Busca na Scielo



Fonte: Scielo, 2021, online.

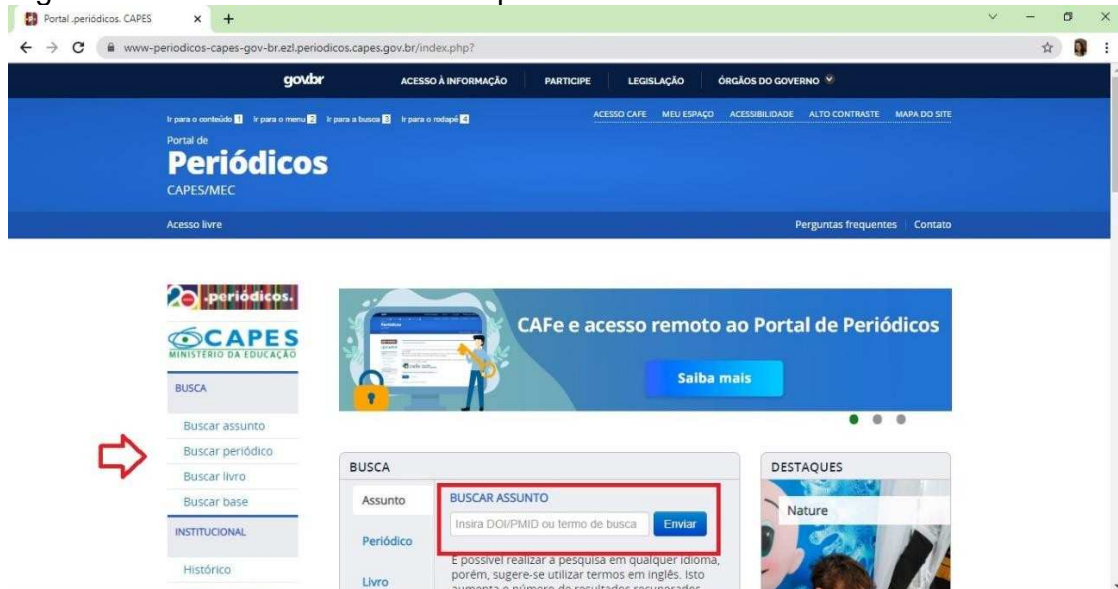
Assim, o *layout* da página de busca se assemelha ao Google Acadêmico, uma vez que mostra a quantidade de resultados, oferece a opção de filtrar a pesquisa com data, periódico, idioma, áreas temáticas, tipo de literatura etc.

4.2.3 Portal de Periódicos Capes

É uma biblioteca virtual, que dispõe de acervo com mais de 45 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, 12 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. Neste caso, um banco ou base de dados são conjuntos de arquivos relacionados entre si com registros sobre pessoas, lugares ou coisas, que se relacionam, de forma a criar algum sentido e dar mais eficiência durante uma pesquisa ou estudo científico.

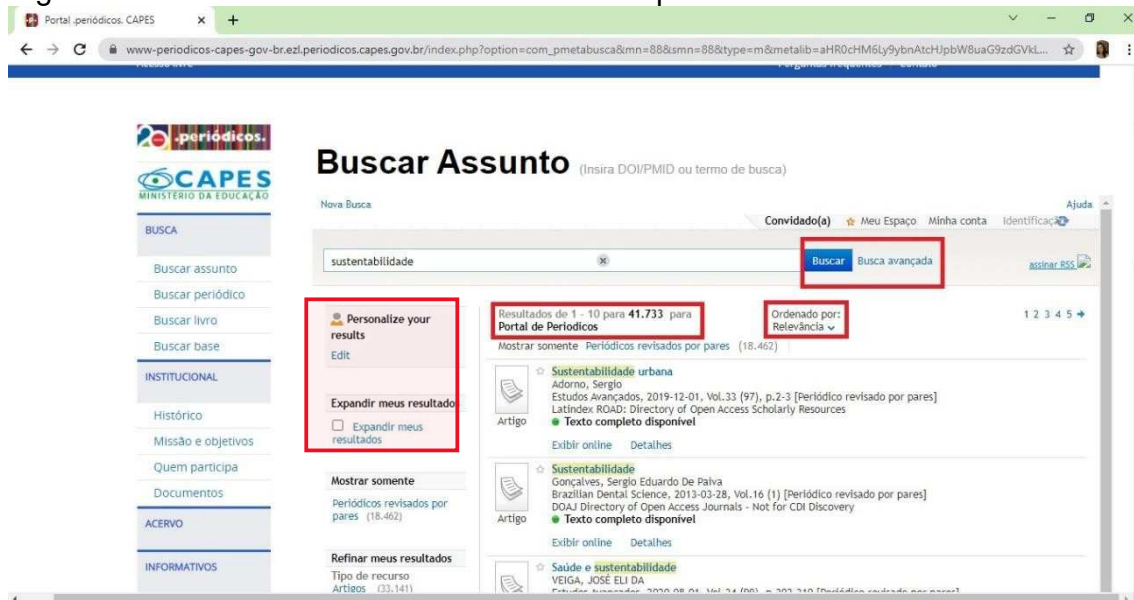
UMA DIDÁTICA PARA A PESQUISA ESCOLAR: se não está no Google não existe?

Figura 9 – Portal de Periódicos Capes



Fonte: Capes, 2021, online.

Figura 10 – Busca no Portal de Periódicos Capes



Fonte: Capes, 2021, online.

Esta plataforma também possui os mesmos moldes das demais, com publicações relevantes e importantes, mecanismos de filtros e opção de realizar uma busca avançada.

Podem ser selecionadas publicações em diversas línguas.

Os tipos de buscas podem ser por: a) assunto; b) periódico; c) livro; ou d) base. As buscas podem ser feitas na barra esquerda da tela ou também em

lugar central da tela.

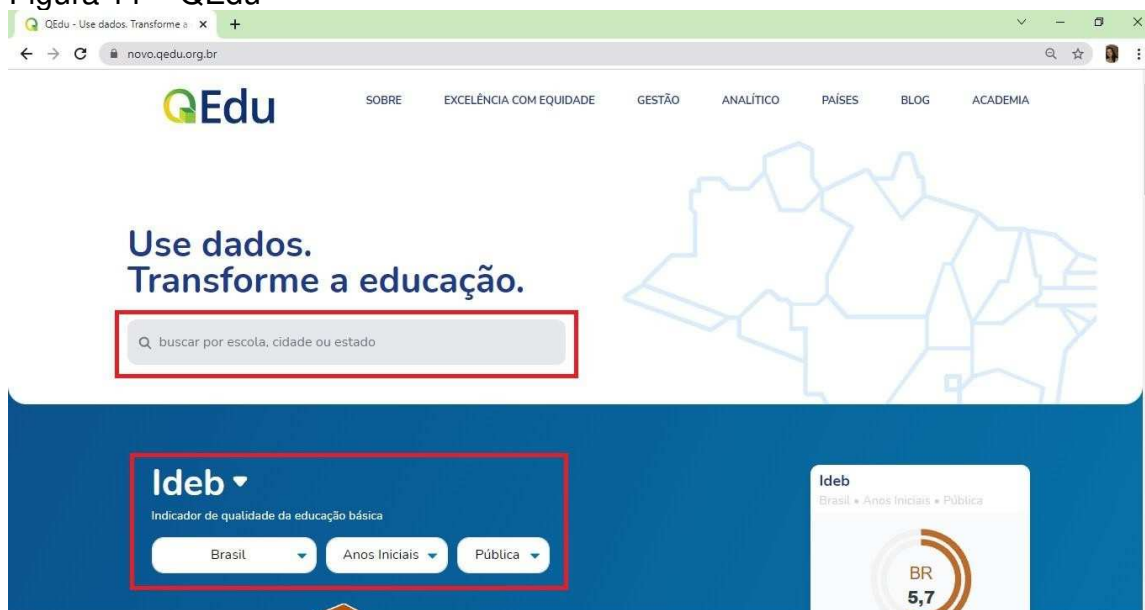
Além de textos verbais, a Biblioteca conta com conteúdos em forma de áudio, vídeo, imagem, planilhas, textos e aplicativos.

O conteúdo oferecido pela Biblioteca é indexado e tem credibilidade, por ser avaliado por pares.

4.2.4 QEdU

Plataforma de dados educacionais, organizado para escolas, cidades, estados e Brasil. Qualquer pessoa pode entrar para conhecer melhora educação brasileira por meio de dados.

Figura 11 – QEdU



Fonte: QEdU, 2021, online.

O QEdU é um projeto inédito idealizado pela Meritt, e seus idealizadores Ricardo Fritsche e Alexandre Oliveira e pela Fundação Lemann, em 2012.

Com esta plataforma, o usuário consegue acessar dados sobre a qualidade do ensino de qualquer escola. Uma ferramenta significativa, para professores e funcionários diretamente ligados ao ensino, pois é por meio deles, que se pode analisar as fraquezas e, conseqüentemente, buscar melhorias.

Pode-se dizer que esta plataforma oferece, aos usuários, dados secundários, mas confiáveis, porque já foram exaustivamente verificados.

4.2.5 IBGE

Principal provedor de dados e informações do país e que atende às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal. Uma plataforma relevante para estudantes, pois dela se consegue retirar dados concretos e confiáveis para elaborar uma pesquisa confiável.

Figura 12 – IBGE



Fonte: IBGE, 2021, online.

Também pela pesquisa no IBGE, o usuário pode buscar dados secundários confiáveis, porque devidamente coletados, descritos, discutidos e publicações, porque a própria produção de dados do IBGE já segue os padrões da rigidez científica.

5 Considerações finais

Retomando o objetivo geral que é propor, ao professor de Língua Portuguesa, formas de consultas a fontes científicas, no meio digital, e potencializar práticas que contemplam a pesquisa científica em fontes confiáveis, na ação educativa, pode-se considerar os argumentos que seguem.

O estudo busca ser um apoio, aos professores de Língua Portuguesa, para que, dessa forma, possam utilizar-se das explicações ao longo deste estudo e desse modo, ensinar seus estudantes a como realizar uma pesquisa científica, preparando-os para a pesquisa, para o ensino superior e aumentando sua bagagem de conhecimento.

Da mesma forma que a pesquisa tende a ser um auxílio aos professores, ela se estende à sociedade, uma vez que, não são todas as pessoas que sabem procurar informações e mesmo que não seja para fins acadêmicos, o presente estudo traz benefícios para as pessoas buscarem informações comprovadas cientificamente, para o seu dia a dia.

Por fim, pode-se considerar que, a partir do momento em que se possui conhecimento sobre pesquisa científica, fontes, formas de pesquisa na internet, é possível encontrar toda e qualquer informação sobre determinado assunto, de maneira confiável e principalmente, observa-se que se o docente tem domínio e conhecimento sobre isso, ele formará estudantes pesquisadores e



ANDRADE, G. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

críticos sobre o mundo.

Ficam para as práticas docentes de Língua Portuguesa, as lições de que o raciocínio, a observação, o acesso ao gênero científico, às pesquisas, e as especificidades neles contidas, permitem a criação de novos conhecimentos, de independência de pensamento e, conseqüente, de autonomia para crianças e jovens estudantes.

Referências

ALMEIDA, Jéssica Cavalvanti. *Fontes de informação científica: o caso youtube*. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

ANDRADE, Giovanna de Souza; GARCIA, Carlos Eduardo Campos. *Competências Múltiplas: escola e trabalho reunidos para inserção do estudantedo ensino médio no mercado de trabalho*. Revista do Curso de Letras, [s. l.], v. 1, ed. 16, p. 133-183, 26 out. 2020.

AVIS, Maria Carolina. *SEO de verdade: se não está no Google, não existe*. Curitiba: Intersaberes, 2019.

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: o que é? Como se faz?*. São Paulo: Loyola, 1998.

CANDAU, Vera Maria (Org). *A didática em questão*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAPES. *Site Oficial. Portal de Periódicos*. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez343.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 25 out. 2021.

DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

Google. *Site oficial*. Disponível em: <http://www.google.com.br>. Acesso em: 25 out. 2021.

Google Acadêmico. *Site oficial*. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em: 25 out. 2021.

IBGE. *Site Oficial*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25 out. 2021.

LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Metodologia e conhecimento científico: Horizontes virtuais*. Petrópolis: Vozes, 2007.



UMA DIDÁTICA PARA A PESQUISA ESCOLAR: se não está no Google não existe?

LEITE, Ilza Lopes. *Novos paradigmas para avaliação da qualidade da informação em saúde recuperada na Web*. Brasília, v. 33, n. 1, p. 81-90, abr. 2004.

LUCKESI, C. C. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. São Paulo: Cortez, 1985.

QEdU. *Site Oficial*. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/>. Acesso em: 25 out.2021.

SCIELO. *Site Oficial*. Disponível em: <https://www.scielo.org/>. Acesso em: 25 out. 2021.

SILVEIRA, Ada da Cristina Machado da (Org.). *Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.

TOMAÉL, Maria Inês; MORELLI, Paulo Roberto; KAIMEN, Maria JuliaGiannasi. *Produção bibliográfica da faculdade de Ciência da Informação depositada no repositório institucional da universidade de Brasília: um estudo bibliométrico*. Seminário em Ciência da Informação, Londrina, v. 1, n. 1, p. 571- 584, ago. 2016.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; SILVA, Terezinha Elisabeth da. Fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. In: TOMAÉL, Maria Inês. *Fontes de informação na Internet*. Londrina: EDUEL, 2008.

_____ et al. Avaliação de fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 11, n. 2, 2001.